

## Editorial

# Crônica de uma dengue anunciada



.....

*Prof. Dr. Marco Antonio Guimarães da Silva*

A epidemia de dengue, que assola alguns estados do Brasil e se manifesta mais agressivamente no Estado do Rio de Janeiro, é o reflexo de uma vergonhosa e deplorável omissão das autoridades públicas.

Por que podemos ver alguns erros que cometemos, mas não podemos suprimi-los? Essa é a pergunta que P.D. Ouspensky (1878-1947), pensador russo que manifestava em suas obras grande preocupação com os problemas relacionados com a vida prática humana, tenta responder em *O quarto Caminho*.

Os responsáveis por esta calamidade sanitária deveriam ler esse livro; talvez ele possa despertá-los para o seu papel. Caso contrario, no próximo verão, a epidemia ganhará proporções inimagináveis. Afinal, os sintomas da doença vêm se revelando cada vez mais assustadores; sua patogenia caracteriza-se por um quadro de morbidade que acaba por afetar drasticamente a qualidade de vida do paciente, podendo até mesmo causar a sua morte.

Enquanto na maior parte dos países chamados desenvolvidos a luta pela qualidade de vida passou ser o núcleo das atenções na área da saúde, no Brasil do século XXI, lutamos para sobreviver ao recrudescimento de doenças infecto-contagiosas, epidemias, violência, etc. Este conjunto de desgraças, aliadas, constituirá uma forte ameaça à melhoria dos índices de longevidade que conquistamos nas últimas décadas.

É preciso que deixemos a hipocrisia de lado e tentemos definir um conceito de estado de saúde e qualidade de vida que desejamos para a população. Para Bergner (*"The Sickness Impact Profile: conceptual formulation and methodology for the development of a health status measure"*, *International Journal of Health Services* 6:393-415), existem cinco dimensões, interconectas, do estado de saúde: características herdadas ou genéticas, condição fisiológica ou anatômica, condição funcional, condição mental e potencial de saúde do indivíduo. Alguns destes fatores afetam diretamente o estado de saúde das pessoas, enquanto outros fatores o fazem indiretamente. O grande desafio dos gestores da coisa pública seria promover uma adaptação do modelo acima, circunstanciada a nossa real necessidade.

Que mostrem serviço, porque até o momento somos público assistente de um colossal descaso.

\* *Editor científico de  
Fisioterapia Brasil  
Pós Doutorado na UFRJ  
Professor de mestrado  
recomendado pela CAPES*